

Fundamentos para o estudo da oralidade na escrita

Fundaments for the study of orality in written language

José Gaston Hilgert *

Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, São Paulo, Brasil

Resumo: No presente artigo introduzem-se reflexões sobre a produção de efeitos de oralidade em textos escritos à luz de fundamentos da enunciação. Nesse contexto teórico, mostra-se que não se deve partir de uma identificação aleatória de recursos lexicais e sintáticos, figurativos e temáticos, estilísticos ou retóricos para a compreensão da oralidade na escrita. Importa, antes de mais nada, identificar o *cenário interativo* em que esses recursos de linguagem se manifestam. O cenário interativo ou *cenário de interação* é configurado pela a relação narrador/narratário revelada no texto. Se essa relação se realiza por meio da interação de um *eu* (narrador) com um *você* (narratário), explícitos ou implícitos, tem-se nele instituído o princípio básico do diálogo, da conversa, que define a condição de *proximidade* dos interlocutores e, portanto, o cenário interativo propício ao uso dos recursos de oralidade. Na medida, porém, em que essa relação se realiza na forma de um narrador em terceira pessoa que se dirige a um leitor implícito, estabelece-se o cenário do *distanciamento*, no qual recursos que evoquem a oralidade não cabem ou, se ocorrem, assumem função específica. Este texto vai, então, dar especial atenção ao cenário interativo constituído pela interação *eu/você*, mostrando, em diferentes exemplos, os traços de oralidade determinados por ela e, também, os variados graus de proximidade que ela, por suas variadas formas de manifestação, pode revelar.

Palavras-chave: Cenário de interação. Ensino. Enunciação. Escrita. Oralidade.

* Professor do Curso de Letras e do Programa de Pós-Graduação em Letras (Mestrado e Doutorado) da Universidade Presbiteriana Mackenzie – UPM, São Paulo, São Paulo, Brasil; bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq; gastanh@uol.com.br

Abstract: In this paper, we put forth some reflections upon the production of effects of orality in written texts in light of the fundamentals of enunciation. In this theoretical context, we show that the study of orality in written language should not depart from the random identification of lexical and syntactic, figurative and thematic, stylistic or rhetoric resources. What matters is the identification of the interactive scenario in which these linguistic resources are manifested. The interactive scenario is configured by the relationship between narrator/narratee revealed in the text. If this relation takes place by means of the interaction between an *I* (narrator) and a *you* (narratee), either explicit or implicit, then it is instituted, in this scenario, the basic principle of dialog, of conversation, which defines the proximity condition of the interlocutors and, therefore, the interactive scenario favorable to the use of orality resources. When this relation, however, takes place in the form of a third person narrator who addresses him/herself to an implicit reader, the scenario of distancing is installed, in which orality resources may be unfit or, if they occur, they may have specific functions. This text addresses special attention to the interactive scenario set by the interaction between *I/you*, showing, in different examples, traits of orality determined by such interaction, and also the various degrees of proximity that this interaction may reveal in its various manifestations.

Keywords: Interactive scenario. Teaching. Enunciation. Orality. Written language.

1 INTRODUÇÃO

No trabalho de análise e interpretação de textos na escola, seja na perspectiva literária, seja em outra, a abordagem da *oralidade* na escrita limita-se, em geral, à identificação de elementos do léxico ou da sintaxe que, por percepção subjetiva dos leitores, seriam recorrentes em manifestações da fala. Não que tais constatações sejam necessariamente equivocadas ou levem a interpretações não autorizadas nos textos. Elas costumam ser, no entanto, empíricas, feitas com critérios vagos e, por isso, facilmente contestáveis. É comum, por exemplo, que em determinado texto escrito seja atribuído a certo uso um caráter oral, e que em outro contexto essa atribuição não seja possível para o mesmo recurso de linguagem. A que se deve essa variação? Como explicá-la? As respostas a essas perguntas são em geral múltiplas, dispersas, quando não individuais, ou seja, baseadas na “opinião” de cada analista.

A questão primeira não é, então, identificar, aleatoriamente, recursos lexicais e sintáticos, figurativos e temáticos, estilísticos ou retóricos que produzem efeito de oralidade nos textos. A nosso ver, o que importa, antes de mais nada, é definir o *cenário interativo* em que os recursos de linguagem em observação se manifestam. Por cenário interativo ou *cenário de interação* entendemos, por ora (adiante aprofundaremos essa noção), a relação enunciator/enunciatário – instância pressuposta para a existência de qualquer enunciado – projetada no texto na relação narrador/narratário.

Sabemos que a enunciação é o ato de um enunciator, em interação com um enunciatário, produzir o enunciado, ou seja, o texto. Em relação a este, a enunciação vem sempre pressuposta, ou seja, o texto tem existência na medida em que alguém o enunciou antes. Portanto, o enunciator e o enunciatário não se manifestam mais no texto, mas nele vêm representados, respectivamente, pelo narrador e pelo narratário.

Caso no texto, então, a relação narrador/narratário se estabeleça pela interação de um *eu* (narrador) com um *você* (narratário), tem-se nele instituído o princípio básico do diálogo, da conversa, que define a condição de *proximidade* dos interlocutores e, portanto, o cenário interativo propício ao uso dos recursos de oralidade. Na medida, porém, em que essa relação se realiza na forma de um narrador em terceira pessoa que se dirige a um leitor implícito, estabelece-se o cenário do *distanciamento*, no qual recursos que evoquem a oralidade não cabem ou, se ocorrem, causam estranheza.

Na linha dessas considerações, visa o presente estudo a introduzir reflexões a propósito da produção de efeitos de oralidade em textos escritos à luz de fundamentos da enunciação. Em outras palavras, pretendemos focalizar a oralidade na escrita num âmbito teórico em que os sentidos do texto e no texto são concebidos e explicados como produtos da enunciação. Destinamos essas reflexões aos professores de língua portuguesa e de literatura, do Ensino Fundamental e Médio, a fim de que elas lhes sirvam de subsídio para melhor explorar com os seus alunos os sentidos nos textos em diferentes perspectivas, mas, particularmente aqueles produzidos pelos recursos à oralidade.

2 CARACTERIZAÇÃO ESPECÍFICA DA ENUNCIÇÃO CONVERSACIONAL

Quando se fala em oralidade, evoca-se imediatamente a comunicação na fala, particularmente a interação face a face, a conversa, que é a interação falada prototípica. Ela acontece quando, ao menos, dois indivíduos se encontram e, a partir

desse encontro, sem preparação prévia, iniciam um diálogo sobre um tema de interesse comum naquele momento. Na interação, eles alternam, em situação face a face, os papéis de falante e ouvinte, no desenvolvimento de um determinado tema. Nessas condições, os propósitos comunicativos de um em relação ao outro não vêm anteriormente planejados. Quando muito, o falante que desencadeia a conversa tem uma vaga noção do que vai dizer ao proceder ao turno¹. E, a partir daí, a interação se desdobra por determinações mútuas, seguindo destino incerto, que só se definirá em sua evolução no âmbito da prática social que a move. Isso quer dizer que é no próprio desdobramento da enunciação que o planejamento da interação se realiza, e este só se completa com a enunciação concluída. Essa simultaneidade do “dizer” e com o “que dizer”, nas condições sempre renovadas da dinâmica contextual, deixa uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica da enunciação conversacional e, portanto, pela distinção entre o “texto” conversacional e o texto escrito.

Abordar essa distinção é um trabalho importante no estudo da fala, pois dá às características desta especial relevo. É verdade que, do ponto de vista da natureza enunciativa, os dois tipos de enunciação (na fala e na escrita) mais apresentam identidades e afinidades do que grandes diferenças, conforme apontaremos a seguir. As distinções vão se revelar mesmo no âmbito dos enunciados, isto é, dos produtos da enunciação.

Quando se analisa o produto final de uma interação falada, isto é, quando se ouve a gravação e, simultaneamente, se acompanha sua transcrição, observa-se que, nesse enunciado, vêm registradas, em princípio, todas as operações realizadas pelos interlocutores na progressividade da enunciação, no contexto e nas circunstâncias em que esta se realizou. O registro detalhado dos procedimentos da produção interativa constitui o principal traço distintivo do “texto” falado. Já no texto escrito, grande parte das atividades de enunciação vem nele apagadas.

Explicitemos essa distinção no seguinte segmento conversacional:

DOC vocês disseram que a nossa moda sofre influência estrangeira () como vocês justificariam essa influência? ...

L1 bom ... isso é normal ... tudo aquilo que se consome que se vê ... tem uma uma:: ... uma uma ...

L2 uma origem

[

1 Numa conversa, os falantes alternam suas falas. À vez de fala de cada um dá-se o nome de *turno*. A passagem conversacional que vem logo a seguir, por exemplo, desdobra-se em quatro turnos.

L1 **uma origem** euro/ eu não vou dizer europeia eh estrangeira ... sempre de países ou de regiões e zonas mais desenvolvidas (Hilgert, 2009, p. 165)

Em resposta à pergunta de DOC, verifica-se, ao final do primeiro turno de L1, uma clara sinalização, por meio da repetição do artigo “uma” (quatro vezes), acentuada por alongamento e pausas, de que o falante está à busca de uma formulação adequada para o que intenta dizer. No dizer Blanche-Benveniste (1990, p. 25), explicita-se, no desdobramento da interlocução, um “trabalho de denominação”. O ouvinte, L2, percebendo que seu interlocutor não está chegando a bom termo nessa busca, sugere-lhe uma solução: “uma origem”. L1, então, mesmo antes de L2 concluir sua sugestão, intervém, acolhendo-a como sendo a formulação própria para a otimização de seu enunciado, como podemos verificar na última intervenção de L1.

É da natureza do “texto” falado que todo esse trabalho de busca da formulação adequada fique registrado, fixando-se, assim, no enunciado o *aqui* e o *agora* da enunciação. Embora esse trabalho também possa ser inerente à enunciação escrita (nela igualmente são recorrentes hesitações nas escolhas lexicais e nas formulações sintáticas, interrupções, reinícios, correções, adequações, reformulações²), ele vem, em princípio, apagado no enunciado, no qual só se registra o produto final. Nesse sentido, a interação aqui em foco, para fins de comunicação escrita, poderia ficar assim:

DOC vocês disseram que a nossa moda sofre influência estrangeira. Como vocês justificariam essa influência?

L1 Bom, isso é normal. Tudo aquilo que se consome, que se vê tem origem, não digo europeia, mas estrangeira, sempre de países ou de regiões e zonas mais desenvolvidas.

É evidente que, nessa reformulação para a escrita, não haveria razão para o turno colaborativo de L2, uma vez que ele só se justifica por força da hesitação de L1 na definição lexical, em situação face a face, hesitação não registrada na versão final do texto escrito, mas não necessariamente ausente de seu processo de enunciação. Em outras palavras, é bem possível que, na formulação escrita do texto, o termo desejado também não tenha ocorrido ao enunciador de forma imediata e fluente, mas só depois de um certo trabalho consigo mesmo de busca e definição.

2 Não ocorrem, é claro, intervenções do interlocutor (do leitor) em razão das condições de produção do texto escrito.

Em resumo, a natureza do “texto” falado (do enunciado) consiste no fato de ele explicitar seu processo de enunciação, expondo as estratégias do enunciatador (do *eu*) para fazer-se compreender e, assim, persuadir o seu enunciatário (o *tu*), *aqui* e *agora*, em situação face a face, isto é, em situação de proximidade. O texto escrito, pelas próprias condições de produção, marcadas pelo distanciamento entre enunciatador (autor) e enunciatário (leitor), não expõe de forma tão explícita e minuciosa as marcas da enunciação, o que não significa que textos escritos não possam evidenciar relações de proximidade entre destinatador e destinatário, conforme veremos.

3 ORALIDADE E PROXIMIDADE NA ESCRITA COMO EFEITOS DE DISCURSO

Focalizar os traços que produzem efeitos de proximidade em textos escritos é estender a abordagem da oralidade também à escrita. Em textos escritos, não se apresentam, obviamente, conforme vimos, as marcas de oralidade inerentes a uma conversa, como a alternância de turnos, a negociação *aqui* e *agora* da melhor formulação, certas repetições e paráfrases, interrupções sintáticas, recomeços, hesitações e outras similares, que são características próprias de uma enunciação em que os interlocutores enunciam face a face, isto é, em que tempo e espaço de produção e recepção coincidem. Na escrita, a oralidade é de ordem conceptual³, na medida em que o texto, no todo ou em alguma de suas partes, é reconhecido pelo usuário da língua como tendo configuração oral em razão de certos recursos e estratégias usados em sua construção. Em outras palavras, esses recursos e estratégias, por evocarem elementos das interações faladas, produzem no texto escrito efeitos de oralidade e, por isso, efeitos de proximidade. Portanto, a percepção de

3 Koch e Oesterreicher (1985, 1990, 1994 e 2007) e Marcuschi (2001) distinguem a oralidade e a escrita *mediais* da oralidade e da escrita *conceptuais*. Do ponto de vista *medial*, é oral todo texto que se apresenta em forma *fônica*, não importando se é uma conversa entre amigos ou uma conferência científica; e é escrito o texto apresentado *graficamente*, que tanto pode ser, por exemplo, uma interação do *WhatsApp* (por escrito) quanto um editorial de jornal. Já na perspectiva *conceptual*, um texto é marcado pela oralidade, quando, na percepção do usuário da língua, ele se identifica com a fala ou apresenta traços que lembrem uma manifestação falada, não importando se, medialmente, o texto seja escrito ou falado. Assim, a conversa entre amigos é *medial* e *conceptualmente* falada, e a interação pelo *WhatsApp* é *medialmente* escrita, mas *conceptualmente* falada. O mesmo raciocínio vale para a escrituralidade: a conferência científica é *medialmente* falada, mas *conceptualmente* escrita, pois assume um modo de ser dos textos tipicamente escritos; já o editorial de jornal, além de *medialmente* escrito, também o é do ponto de vista *conceptual*.

proximidade entre destinador e destinatário que as marcas de oralidade no texto escrito produzem não deve ser concebida como decorrência de uma proximidade real entre os interlocutores, mas sim como um efeito de discurso resultante de estratégias de construção do texto.

Lançar luz sobre essas estratégias significa explicitar referências teóricas que possibilitem compreender as marcas de oralidade em textos escritos na perspectiva de uma teoria de texto. É o que aqui tentaremos fazer, concebendo o texto como um produto da enunciação.

4 A ORALIDADE NA ESCRITA DO PONTO DE VISTA DA ENUNCIÇÃO

Quando definimos um objeto de estudo linguístico-discursivo, voltamo-nos a um produto da enunciação, ao enunciado, ou seja, ao texto. É nele – no texto – que o processo da enunciação (o ato de produzir o texto) vem projetado. E, portanto, é pelo texto que se tem acesso às operações realizadoras da enunciação.⁴

Como já dissemos na introdução, a enunciação se realiza na interação entre um enunciador e um enunciatário, entre um *eu* e um *tu*. Segundo Tatit (2002, p. 205),

o conceito de enunciador deve ser tomado como uma categoria abstrata, cujo preenchimento, numa manifestação específica, faz emergir o que conhecemos como autor, falante, artista, poeta, etc.; a noção de enunciatário, igualmente, define-se como categoria por meio da qual se manifestam leitores e fruidores de maneira geral.

Não se deve, no entanto, entender que o *sujeito da enunciação* de um texto seja unicamente o enunciador. Também o enunciatário enuncia, assumindo um papel de *co-enunciador*. Na explicação de Fiorin (2003, p. 163), “o enunciatário, como filtro e instância pressuposta no ato de enunciar, é também sujeito produtor do discurso, pois o enunciador, ao produzir um enunciado, leva em conta o enunciatário a quem ele se dirige”. Portanto, a instância de sujeito da enunciação é assumida por ambos, o enunciador *eu* e enunciatário *tu*. O *eu*, sempre determinado pelo *tu*, necessariamente enuncia num tempo *agora* e num espaço *aqui*. O

⁴ Segundo Kerbrat-Orecchioni (1980: 30), “na impossibilidade de poder estudar diretamente o ato de produção, (...) busca-se identificar e descrever os traços do ato no produto”.

eu (a pessoa), *agora* (o tempo) e *aqui* (o espaço) são as categorias da enunciação e, como tais, os fatores constituintes de todo e qualquer ato da enunciação.

Ao enunciar, o enunciador projeta no enunciado, de forma calculada ou não, suas escolhas, movido pelas circunstâncias da comunicação em curso e por seus propósitos em relação a ela. Nessas escolhas, há as, digamos, de *primeira ordem* e as de *segunda ordem*.

As escolhas de *primeira ordem* definem dois cenários de interação distintos; as de *segunda ordem* decorrem da configuração específica de cada um desses cenários. Para definir cenário de interação, inspiramo-nos no conceito de “cenografia”, de Maingueneau (2006, p. 67):

A cenografia é a *cena de fala*⁵ que o discurso pressupõe para poder ser enunciado e que, por sua vez, deve validar através de sua própria enunciação: qualquer discurso, por seu próprio desenvolvimento, pretende instituir a situação de enunciação que o torna pertinente.

Na verdade, a denominação *cenário de interação* corresponde ao que o autor chama de “*cena de fala*”. Só não optamos, neste texto, por essa denominação de Maingueneau, para evitar uma eventual leitura equivocada que restringisse “cena de fala” à expressão falada, já que aqui estamos nos referindo à enunciação em geral, tanto em interações faladas quanto em escritas.

Dito isso, fixemo-nos, inicialmente, nas escolhas de primeira ordem. Como dissemos, por meio delas o enunciador pode definir dois cenários de interação distintos: um cenário *enunciativo* ou um cenário *enuncivo*. O cenário enunciativo se caracteriza pela projeção das marcas da enunciação (*eultu, agora e aqui*) no enunciado, e o enuncivo pelo apagamento dessas marcas no enunciado. A opção por um ou outro desses cenários determina dois tipos de textos: no primeiro caso, os textos *enunciativos*, identificados pela enunciação enunciada; no segundo, os textos *enuncivos*, caracterizados pelo enunciado enunciado.

Distingamos esses cenários de interação nos seguintes textos:

Texto 1

Por que as girafas fedem?⁶

⁵ Destaque do autor.

⁶ O texto é de **Gisele Lopes** e está publicado em <http://chc.cienciahoje.uol.com.br/por-que-as-girafas-fedem/> (Acesso em 25. 6. 2014).

Compostos presentes no pelo desses animais ajudam a mantê-los livres de doenças!

Quem já foi ao zoológico e viu as girafas deve ter reparado no "cheirinho" que elas têm. Se você achou que era o tratador que não estava cuidando delas direito, saiba que esse mau-cheiro não tem nada a ver com banho. Ele é característico desses animais e pode ser sentido a dezenas de metros de distância. Mas você sabe por que as girafas fedem?

Essa pergunta foi um enigma para os cientistas durante muito tempo, mas agora o biólogo William Wood, da Universidade Estadual de Humboldt, nos Estados Unidos, acredita ter achado a resposta para ela. William estudou alguns pelos de girafas em seu laboratório e descobriu que eles possuíam diversas substâncias químicas, algumas delas iguais a outras encontradas nas fezes humanas – o que explica o mau cheiro. Mas tudo tem um lado bom: apesar de as substâncias serem fedorentas, elas são muito úteis às girafas, pois mantêm afastados os parasitas e ainda matam os micróbios.

(...)

Mas lembre-se bem: o mau-cheiro das girafas pode trazer benefícios para elas, mas isso não significa que vá fazer bem pra você também! Portanto, nem adianta dizer pra sua mãe que leu no site da *Ciência Hoje das Crianças* que o fedor protege, porque o exemplo das girafas não é desculpa pra fugir do banho... **[Gisele Lopes]**

(<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/por-que-as-girafas-fedem/> Acesso em 01. 10. 2014)

Texto 2

Enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. A pura "sinalidade" não existe, mesmo nas primeiras fases de aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de "sinalidade" e de identificação que lhe é correlata seja real. Assim, o elemento que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a descodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação no sentido da evolução e não do imobilismo (Bakhtin, 2010, p. 97).

Ambos os textos são produtos da enunciação de um *eu*, que, em interação com um *tu*, enunciou num tempo *agora* e num espaço *aqui*. Essa é a natureza de

todo ato de enunciação. No primeiro desses dois textos, essas marcas da enunciação vêm projetadas no texto, na medida em que um narrador *eu* (implícito)⁷ se dirige a um narratário *você*. O cenário de interação projetado no texto é, então, *enunciativo*, configurado pela relação *eu-você*, que lembra as interações simétricas face a face, marcadas pela proximidade entre os interlocutores.

O segundo texto tem as marcas de sua enunciação apagadas. O narrador é *alguém* que fala, um ele, que se dirige a um narratário-leitor não explicitado, fato que evidentemente evoca um cenário de interação *enuncivo*, produzindo um efeito de distanciamento entre os interlocutores.

É o primeiro cenário que nos importa nas reflexões do presente texto, pois é ele que estabelece as condições *de princípio* para a emergência de efeitos de sentido de oralidade. Sobre o segundo cenário, só faremos breves comentários ao final do texto.

Quando o enunciador opta pela primeira escolha, vem projetado no texto, então, o cenário interativo caracterizado, do ponto de vista da categoria pessoa, pela interação entre um narrador *eu* e um narratário *tu*.

Segundo Barros (2002, p. 23), a instância narrador-narratário explicitada no texto pela relação *eu-tu (você)*, ou seja, o cenário de interação *enunciativo*

produz, por excelência, os efeitos de aproximação da enunciação, de subjetividade, de relação dialógica ou recíproca entre os sujeitos. (...). O uso da relação eu e você caracteriza, por isso mesmo, interações informais, íntimas e espontâneas, na conversação face a face ideal.

Essa caracterização decorre justamente do fato de que a relação *eu-tu (você)* no texto escrito evoca a interação entre falante e ouvinte na conversa, na qual eles alternam, em situação face a face, o papel de *eu* e de *tu*. Segundo a mesma autora e obra, “destinador e destinatário se colocam no mesmo quadro enunciativo” (p. 23), do que resulta uma simetria interativa.

Um texto, portanto, em que o narrador *eu* se dirige a um narratário *tu (você)*, evoca, em princípio, o cenário da interação face a face, da conversa, graças ao qual se instala nesse texto a condição que determina a escolha de outros recursos de linguagem – as escolhas de *segunda ordem* – que concorrerão para a produção de efeitos de sentido de oralidade e, por conseguinte, de proximidade entre autor e leitor.

7 Esse narrador não vem explicitado no texto pelo pronome *eu* ou pela marcação da forma verbal, mas ele está implícito no fato da menção do destinatário *você*, pois somente um *eu* pode dizer *você*.

Analisemos alguns textos nesse sentido:

Texto 3

Heloísa: As cartas que te envio já se vão tornando maçadoras, não é verdade? Ficas assustada, certamente, com a exuberância de tinta gasta, de papel inutilizado, e pensas, aflita, no trabalho que terás para dar resposta a tanta coisa. Não te preocupes. Não precisas consignar o que te mando num registro em que escritures com paciência o assunto, a data, o número das palavras. Escreve-me quando tiveres tempo, a lápis, num pedaço de papel de embrulho. Não releias nem emendes: o que sair sai bem.
(...)

Adeus. Vou sonhar contigo. Teu Graciliano. Palmeira, 20 de janeiro de 1928 (Ramos, 1994, p. 92-94).

É esta uma carta de Graciliano Ramos à sua mulher. Tanto o *eu* quanto o *tu* estão explícitos neste texto. Está, assim, caracterizado um cenário de interação enunciativo, que identifica as interações cotidianas. Há um detalhe no texto que precisa ser destacado: a personificação do *tu* por *Heloísa*. Cria-se, nessa estratégia enunciativa de “invocar o leitor” (Maingueneau, 1996, p. 34), um efeito de proximidade intensificado pelo efeito de realidade. Se a interpelação do narratário por *tu* implica um efeito de individualidade, a concretização desse *tu* por um personagem específico resulta num efeito de personificação, de atenção exclusiva, isto é, de proximidade maior, quiçá, até, de intimidade e de cumplicidade. Esses dois últimos efeitos de sentido, intimidade e cumplicidade, emergem precisamente desta outra carta de Graciliano (p. 123), em que o signatário, em vez de chamar sua amada por *Heloísa*, a trata por *Ló*:

Texto 4

Ló: Todos nós vamos indo, com muitas saudades de você. Não lhe tenho escrito ultimamente porque não tenho nada para contar. Neste ramerrão de todos os dias parece que vou ficando estúpido. A última carta sua que recebi dizia que tudo por aí estava a contento e falava-me em sessenta mil-réis que v. ia pedir ao Antônio. Creio que v. ainda não tinha recebido uma que lhe mandei há alguns dias, com dinheiro. Se necessitar alguma coisa, avise-me para eu tomar aqui as providências.
(...)

Adeus, por hoje, Ló. Lembranças a seu Américo e às meninas. Um abraço para você. Beije por mim Lulu e Tatá. Gato. 1º. De setembro de 1932. (P. dos Índios).

Fica evidente que *Ló* é uma forma afetiva de invocar Heloísa na intimidade. Trata-se de um procedimento autorizado ao marido e pessoas muito próximas do casal e de sua família. Fora desse círculo, o recurso causa estranheza, precisamente pelo fato de invadir o espaço reservado a íntimos e cúmplices. Destaque-se também que *Ló* é uma interpelação própria das interações face a face, isto é, das conversas. Ao empregá-la na carta, Graciliano empresta ao texto escrito um notável efeito de oralidade.

Nesse contexto interacional das relações próximas ou íntimas, as pessoas costumam conversar, e quando se comunicam por escrito, transferem para o seu texto um simulacro desse cenário interativo, o qual vai determinar as que assim chamamos *escolhas de segunda ordem*, como o léxico, a sintaxe, por exemplo. Em nenhum dos dois últimos textos (3 e 4), há alguma palavra que não seja de uso corrente na fala cotidiana, sempre considerando, é claro, o conhecimento comum que os interlocutores têm um do outro.

Quanto à seleção lexical, queremos chamar particular atenção às características do texto 1 (*Por que as girafas fedem?*). Trata-se de um texto de divulgação científica para crianças. Todo ele, em seus diferentes aspectos de construção, é determinado por esse coenunciador leitor-criança, que emerge do texto como um destinatário que ainda não tem o domínio da língua em sua formulação conceitualmente escrita e, muito menos, em sua configuração no jargão científico. Do ponto de vista das escolhas lexicais, todas elas sintonizam com esse perfil de interlocutor em cujo contexto de vida predomina a interação pela fala. E quando a interação se estabelece pela escrita, ela costuma assumir as marcas da fala. Nesse sentido, há dois termos nesse texto que chamam particular atenção: “fedem” e “cheirinho”. Por serem recursos de certa forma exclusivos da fala, eles intensificam o efeito de oralidade na escrita e, por isso, de proximidade entre narrador e narratário. Também as cartas de Graciliano (textos 3 e 4) registram escolhas lexicais que concorrem, pelas mesmas razões, para a intensificação desses efeitos de sentido, como, por exemplo “Adeus”, “Lembranças...”, “...abraço...”, “Beije...”.

Do ponto de vista da sintaxe, nos três textos (1, 3 e 4), os períodos compostos por subordinação não passam da dimensão de duas orações, sendo a subordinada, em geral, uma oração adjetiva ou substantiva objetiva, eventualmente uma adverbial temporal. É essa também a característica comum das construções sintáticas dos enunciados das conversas.

Há ainda outros aspectos que se podem apontar nos textos para mostrar que as escolhas de segunda ordem estão em sintonia com o cenário interativo que os configura. Embora não tenhamos o objetivo de fazer uma análise exaustiva dos textos, veja-se ainda o caso da pergunta retórica na primeira carta (texto 3) “... *não é verdade?*” Esse recurso encena uma interpelação ao interlocutor, como

se, na sequência, lhe coubesse uma resposta, o que evidencia uma simulação de diálogo face a face. Esse procedimento pode-se também observar no texto 1 (*Por que as girafas fedem?*), já no título do texto, como também na passagem, ao final do primeiro parágrafo, “*Mas você sabe por que as girafas fedem?*” Por fim, criam ainda um forte efeito de oralidade em todos os textos analisados as reiteradas referências ao leitor, seja por *você, tu*, por formas oblíquas correspondentes (lhe, te, seu, teu) e marcações verbais como, só para exemplificar, “lembre-se” (texto 1), “Não te preocupes” (texto 3), “avise-me” (texto 4).

Como dissemos, o nosso foco nestas reflexões é o cenário de interação *enunciativo*. E, quando fizemos a distinção deste com o cenário *enuncivo*, apresentamos o texto 2. Com o narrador em terceira pessoa e o narratário implícito, este cenário não convoca escolhas *de segunda ordem* que produzam efeitos de oralidade, mas, ao contrário, o cenário impõe escolhas que produzam efeitos de “escrituralidade”, ou seja, escolhas próprias de textos tipicamente escritos. No texto 2, emerge um enunciatador configurado por seu saber científico que, de forma objetiva e analítica, se comunica sobre esse saber com um enunciatário não especificado, ao qual se atribui o domínio da linguagem própria para compreender o objeto da comunicação em curso. A relação entre narrador e narratário é, então, marcada pelo distanciamento, e todas as escolhas sintático-lexicais concorrem para a produção desse efeito de sentido. Formas que criassem efeitos de oralidade, em textos dessa ordem, produziriam, no mínimo, uma incoerência no que respeita à norma de uso dos diferentes níveis de linguagem.

E, em muitos casos – raramente em textos científicos –, quando se manifestam recursos linguísticos que produzem efeitos de oralidade em cenários *enuncivos*, o enunciatador revela ter consciência desse fato, destacando-o no texto, como que dizendo ao leitor que se trata de uma formulação estranha para o cenário interativo em questão.

Observemos comparativamente passagens de editoriais de jornais, duas de editoriais da *Folha de S. Paulo*, e outras duas de editoriais do *Agora São Paulo*.⁸ Sabemos que editoriais são, reconhecidamente, textos configurados pelo cenário *enuncivo*. O primeiro jornal assume com rigor esse princípio. O segundo, no entanto, em diferentes ocasiões, o infringe. Ainda que raramente explicita no texto as marcas da enunciação enunciada (a relação eu/você), deixa implicitamente o leitor a perceber que o tom do editorial é de conversa, na medida em que o texto

⁸ Ambos os jornais são publicados pela mesma empresa jornalística *Folha da Manhã*.

é construído numa linguagem informal, supostamente em sintonia com a usada pelos presumidos leitores do jornal, em suas interações cotidianas.

Vejam as passagens:⁹

Folha de S. Paulo	Agora São Paulo
Foi o oitavo “arrastão”, desse tipo de que se teve notícia na capital desde o início do ano (5. 4. 2012)	Foi mais um arrastão na capital desde o início do ano (5. 4. 2012)
Embora o transporte metropolitano seja da alçada estadual, o fato de o ex-governador tucano José Serra almejar a prefeitura estimula críticas como as manifestadas pelo pré-candidato petista, Fernando Haddad – que se apressou a denunciar novamente um “apagão” dos transportes em São Paulo (18. 5. 2012).	É natural que a oposição ataque o governo do Estado, como fez o candidato petista à prefeitura, Fernando Haddad. Para ele, estaria acontecendo um apagão nos transportes (18.5. 2012).

Quadro 1

Observem-se, na primeira coluna, as palavras “arrastão” e “apagão”, respectivamente destacadas por aspas nos editoriais da *Folha de S. Paulo*, indicando, claramente, que são escolhas que não sintonizam com o caráter de “escrituralidade” de um editorial, ou seja, não cabem no contexto de um cenário *enunciativo*. Já, na segunda coluna, as mesmas palavras vêm *sem* destaque no *Agora São Paulo*, ou seja, são assumidas pelo enunciador como suas, em sintonia com os demais recursos convocados para a construção do texto, incluindo os de ordem sintática. Na *Folha de S. Paulo*, o destaque a elementos de oralidade fica praticamente reservado ao léxico, não se fazendo concessões nesse sentido à sintaxe ou a outro recurso. E essa é uma característica geral da marcação da oralidade em textos propriamente escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em textos escritos, cabe considerar que não é a forma lexical em si nem a estrutura da frase por ela mesma que, em princípio, produzem efeitos de oralidade.

⁹ As passagens foram extraídas do *corpus* coletado por meu orientando, Marcelo Fleuri de Barros, para a sua Dissertação de Mestrado.

Na verdade, elas concorrem para produzir esse efeito, na medida em que o texto em que se inserem for configurado por um cenário de interação de proximidade. Portanto, é preciso focalizar a oralidade na escrita, tendo em conta, em primeiro lugar, a configuração do texto como um todo e, só depois, palavras, expressões e estruturas isoladas. É evidente que há recursos presentes em textos escritos que, isoladamente, produzem efeitos de oralidade, na medida em que são manifestações específicas da fala. Mesmo esses, porém, se apresentam, em geral, em cenários interativos de proximidade. Quando ocorrem em cenários interativos de distanciamento, a oralidade que lhes é inerente encontra sua coerência, no texto escrito, no efeito de estranhamento que produzem, assumindo, assim, diferentes funções argumentativas.

As cartas pessoais (entre familiares, amigos, conhecidos) são, evidentemente, um gênero textual modelar para verificar efeitos de proximidade e de oralidade, até por decorrência de relações de proximidade da vida real, de ordem afetiva, existentes entre destinador e destinatário. Nem se espera, em princípio, outra forma de elaboração textual. No entanto, os recursos usados em textos escritos para produzir efeitos de relações de proximidade e efeitos de sentido de oralidade não cabem ser analisados a partir e em função das relações extratextuais. A relação de fato entre destinador e destinatário não é pertinente nesse enfoque. O que importa é interpretar os referidos recursos enquanto estratégias discursivas usadas pelo enunciatador para alcançar seus propósitos persuasivos.

REFERÊNCIAS

- Bakhtin M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 14. ed. São Paulo: Hucitec; 2010.
- Barros DLP. *Interação em anúncios publicitários*. In: Preti D (org.). *Interação na fala e na escrita v.5*. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP; 2002. p. 17-44
- Barros MF. *Entre aspas : uma análise das funções metaenunciativas em editoriais dos jornais Agora São Paulo e Folha de S. Paulo [dissertação]*. São Paulo : Universidade Presbiteriana Mackenzie ; 2014.
- Blanche-Benveniste E. *Le français parlé: études grammaticales*. Paris: CNRS; 1990.
- Editorial. *Arrastão no Paraíso*. Agora São Paulo. 5 abr. 2012.
- Editorial. *Choque no metrô*. Agora São Paulo. 18 de mai. 2012.

Editorial. Colisão no metrô. Folha de S. Paulo. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/43484-colisao-no-metro.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2014.

Editorial. Roubos e arrastões. Folha de S. Paulo 5 abr. 2012. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniaio/35334-roubos-e-arrastoes.shtml>. Acesso em: 15 ago. 2014.

Fiorin JL. Pragmática. In: Fiorin JL (org.). Introdução à linguística: princípios de análise. São Paulo: Contexto; 2003.

Hilgert JG (org.). A linguagem falada culta na cidade de Porto Alegre: diálogos entre dois informantes. Vol. III. Florianópolis: Insular; 2009.

Kerbrat-Orecchioni C. L' énonciation: de la subjectivité dans le langage. Paris: Armand Colin; 1980.

Koch P, Oesterreicher W. Gesprochene Sprache in der Romania: Französisch, Italienisch, Spanisch. Tübingen: Niemeyer ; 1990.

Koch P, Oesterreicher W. Sprache der Nähe–Sprache der Distanz. Romanistisches Jahrbuch. 1985; 36:15-43.

Koch P, Oesterreicher W. Funktionale Aspekte der Schriftkultur. In: Günther H, Ludwig O (eds.). Schrift und Schriftlichkeit. Berlin/Nova Iorque: Walter de Gruyter. 1994; 1: 588-604.

Koch P, Oesterreicher. W. Zeitschrift für germanistische Linguistik. 2007; 35: 346-375.

Lopes G. Por que as girafas fedem? [site]. 2003. Disponível em: <<http://chc.cienciahoje.uol.com.br/por-que-as-girafas-fedem/>>

Maingueneau D. Cenas da enunciação. Curitiba: Criar Edições; 2006.

Marcuschi LA. Da fala para a escrita: atividades de retextualização. São Paulo: Cortez; 2001.

Ramos G. Cartas. Rio de Janeiro: Record; 1994.

Tatit L. A linguagem do texto. In: Fiorin JL (org.). Introdução à linguística: objetos teóricos. Vol. 1. São Paulo: Contexto; 2002. p. 187-209.